

Disciplina:

Uma Obra Delicada e Difícil

“Alcança-se o verdadeiro objetivo ... apenas quando o próprio malfetor é levado a ver a sua falta, e consegue sua vontade no empenho de corrigir-se. Quando isto se cumpre ... procurai preservar o seu respeito próprio, e inspirar-lhe ânimo e esperança. Esta é a obra mais delicada e mais difícil que se tem confiado a seres humanos.”

— Ellen G. White.¹

Caos — A Sala de Aula do Professor A

Os alunos do Professor A são, em sua maioria, entusiastas e inteligentes. Eles gostam da escola e gostam do seu professor, mas não são disciplinados. Alguns estão passando brinquedos um para o outro por baixo das carteiras, dois estão gritando entre si, um roubou a mochila de outro aluno, e três meninas barulhentas estão insistindo com o professor para dar-lhes um passe para ir ao banheiro. Uns poucos alunos, tentando resistir o barulho, procuram fazer seus deveres. O Professor A constantemente corrige os alunos, ralhando com eles por não se comportarem bem, dizendo-lhes como devem se comportar e advertindo-os sobre as conseqüências das suas ações se continuarem agindo assim.

Quando o Professor A encontra tempo para concentrar no trabalho dos seus alunos, descobre que suas respostas são vagas e sem foco. Instrui-os a tentar de novo. Quando os alunos parecem não

compreender, ele lembra-os da explicação dada no começo da aula.

A essa altura, a sala de aula tornou-se um caos total. Então o Professor A grita pedindo silêncio e manda os ofensores mais audíveis para a diretoria. Após alguns minutos, durante os quais os alunos acusam uns aos outros para saber quem causou o grito do professor, a classe acalma-se, apenas para irromper novamente vez após vez durante o dia inteiro.

O Modelo Tradicional

Em 1903, Ellen G. White observou: “O objetivo da disciplina é ensinar à criança o governo de si mesma.”² A evidência do cenário do Professor A em 1996 descrito acima³ sugere que a falta de governo próprio por parte das crianças continua sendo fonte de preocupação quase um século mais tarde.

Na classe do Professor A, os alunos parecem ser incapazes de auto-disciplina, muito menos de governo próprio. Embora o professor repetidamente os admoesta e corrige, os alunos não lhe dão ouvidos. Numa escola mais estrita, eles atuariam de maneira mais rebelde e talvez mais violenta. No entanto o Professor A e outros educadores como ele, muitas vezes não sabem como tornar suas salas de aula ordeiras e mais produtivas.

Tais professores operam dentro dum modelo tradicional reativo, o qual

Paul Heller

presume que quando as crianças se comportam mal, os adultos devem puni-las, discipliná-las e corrigi-las. Os professores esperam que se as crianças experimentam conseqüências consistentes, rápidas e lógicas pelo comportamento impulsivo, elas vão aprender de seus erros e vão comportar-se mais responsabilmente no futuro.

Como em qualquer modelo, a dinâmica só funciona se todos participarem. Neste caso, para manter este modelo é necessário que todos os adultos da comunidade concordem em ser consistentemente responsáveis por inculcar nas crianças as expectativas em questão de valores, princípios morais e expectativas em geral. Os adultos realizam esta função importante através da disciplina, supervisão, encorajamento e censura durante interações informais tais como cuidar da criança de alguma outra pessoa ou cuidar dos pobres da vizinhança, bem como através de "rituais" de socialização formal tais como jantar em família diariamente, serviços religiosos na igreja, eventos da comunidade e atividades de Desbravadores. Como resultado, a maior parte das crianças aprende um comportamento idôneo, empreendedor e socialmente responsável. Ao praticarem este comportamento, elas

Educadores muitas vezes não sabem como tornar suas salas de aula ordeiras e mais produtivas.

ficam idôneas e, como resultado, tomam decisões que mantêm a comunidade fora de perigo.⁴

Lamentavelmente, hoje em dia poucas famílias ou comunidades proporcionam tal supervisão. Migrações para dentro e para fora de grandes cidades, perda de trabalho por causa de redução do pessoal, aumento no índice de divórcio e a necessidade de pais trabalharem horas mais longas têm criado famílias em que as crianças simplesmente gastam menos tempo com seus pais. O senso de comunidade e partilha de valores da pequena cidade é, em grande parte, uma coisa do passado. Mesmo naquelas circunstâncias raras em que existe a

dinâmica tradicional entre adulto e criança, as influências negativas do mundo de fora são assim mesmo inegáveis e propositalmente intrusivas.

É correto que pais e educadores preocupem-se com a suscetibilidade de cada criança, pois nos Estados Unidos a cada 59 segundos uma adolescente traz ao mundo um bebê, a cada sete minutos uma criança é levada presa por algum crime relacionado com drogas, a cada quatro horas uma criança se suicida e cada dia milhares de armas são trazidas às escolas.⁵ Outros países lutam com semelhantes problemas.

Os professores vêem constantemente os efeitos "decadentes" resultantes de tais perigos. Por causa destas influências negativas, os educadores reconhecem que a falta de domínio próprio dos alunos na sala de aula pode predizer problemas mais severos no futuro, inclusive violência, tormento, vícios, abuso, atividade sexual prematura, envolvimento com gangs e delinqüência juvenil. Por esta razão, o comportamento incontrolável na sala de aula do Professor A não é meramente algo que incomoda mas sim perigoso e causa de preocupação crucial.

Como temos visto, tem ocorrido um distanciamento das comunidades em que todos os adultos nutrem e incentivam as

habilidades das crianças de direcionar-se, controlar-se, disciplinar-se e restringir-se. A fim de manter a integridade do antigo modelo dando ao mesmo tempo o que as crianças precisam, a educação deve incentivar as habilidades de auto-correção dos alunos mediante monitoria por parte de adultos na escola.

Resistência

A boa nova é que embora todas as crianças sejam altamente suscetíveis, todas chegam à escola com um tremendo recurso — resistência, a capacidade de recuperar-se dos reveses, de regular seus impulsos e sobreviver e mesmo crescer viçosamente entre os “espinhos” da vida. Todos nós usamos nossa resistência quando aprendemos a andar. Nós caímos e levantávamos vez após outra, cada vez tentando novos métodos, exercitando novos músculos, abandonando as maneiras antigas e perseverando até alcançarmos sucesso. Os seres humanos são tão resistentes, de fato, que nenhum de nós desistiu de aprender a andar, reclamando que era muito difícil ou muito complexo. À medida que crescemos e envelhecemos, tornamo-nos mais dependentes da nossa resistência ou auto-correção para dominar os nossos instintos, emoções e inibições a fim de resolver

A boa nova é que embora todas as crianças sejam altamente suscetíveis, todas chegam à escola com um tremendo recurso — resistência, a capacidade de recuperar-se dos reveses, de regular seus impulsos e sobreviver e mesmo crescer viçosamente entre os “espinhos” da vida.

problemas e superar crises. Toda criança pode utilizar uma grande variedade de estratégias de resistência e auto-correção. Ao deixar de pedir que seus alunos

utilizassem sua resistência, o Professor A ignorou seu mais valioso aliado para ganhar e manter a aquiescência dos alunos.

Os pesquisadores descobriram que a fim de serem resistentes, as crianças usam mais de 50 habilidades e estratégias. Professores/monitores podem praticar essas estratégias com os jovens para encorajar o governo próprio. Essas habilidades podem ser classificadas em cinco categorias gerais:

1. A habilidade de ouvir e prever várias soluções para um problema e então selecionar a melhor.
2. A habilidade de manter controle de si mesmo e do ambiente ao seu redor a fim de estabelecer um futuro positivo.
3. A habilidade de encontrar pessoas importantes que ouçam com simpatia e encontrar oportunidades de expressar seus pontos fortes e talentos através das artes, esportes, atividades sociais e relacionamentos íntimos significativos.
4. A habilidade de refletir sobre as suas próprias experiências do passado e as experiências de outros, e de agir de maneira positiva após essa reflexão.
5. A habilidade de reconhecer e utilizar o máximo dos seus pontos fortes e uma grande variedade de estratégias.⁶

As crianças que são resistentes — que conseguem manter auto-disciplina diante de dificuldade, provocação e tentação — o são porque utilizam as habilidades mencionadas acima para tomar decisões responsáveis, ganhar senso de perspectiva e corrigir-se a si mesmas. Nas palavras de Ellen White, elas utilizam sua resistência para governar a si mesmas e manter “integridade”.

Emmy Werner, pesquisadora de educação e desenvolvimento humano na Universidade da Califórnia em Davis, demonstrou que quando a resistência de uma criança é nutrida por um adulto que mantém expectativas altas consistentes e explicitamente declaradas, uma grande maioria das crianças que nascem em famílias com repetidos padrões de disfunção (tais como vícios, violência e abuso) não sucumbem a tais riscos quando adultos.⁷

Torna-se claro que os educadores devem fortalecer a resistência dos seus alunos planejando atividades de aprendizagem e procedimentos de controle da sala de aula a fim de ajudarem

os alunos a exercitar auto-correção e auto-disciplina. Isso deve levar todos os alunos a alcançarem altos níveis de empreendimento.

Resistência na Sala de Aula

Uma importante maneira de aumentar a resistência dos alunos é através da supervisão monitora. Para realizar isso, os educadores devem fazer o seguinte:

1. Manter altas expectativas para cada aluno no que se refere ao seu comportamento, processo e resultados da aprendizagem.
2. Adaptar o nível de desafio de acordo com a capacidade do aluno de resolver problemas.
3. Ser capaz de superar as diferenças intelectuais e culturais entre o aluno e o professor.
4. Demonstrar maneiras de resolver ou negociar discordâncias ou diferenças.
5. Transmitir a mensagem de que a iniciativa e o envolvimento emocional do aluno são valorizados e respeitados.
6. Assegurar os alunos de que os problemas podem ser resolvidos por uma variedade de maneiras.
7. Suprir os alunos com *feedback*.⁸

Muitos professores instintivamente dirigem a aprendizagem na sala de aula através da utilização das habilidades básicas de resistência dos alunos. Porém, quando se trata de controle da sala de aula, muitos educadores (assim como o Professor A) reverterem para o antigo modelo de simplesmente dizerem para os alunos o que eles fizeram de errado. Lamentavelmente, tal método não proporciona aos alunos a prática que precisam no domínio de seus impulsos. Para realmente encorajar resistência, os professores devem ajudar grupos e indivíduos a praticarem como restabelecer a ordem na sala de aula e na sua vida.

A maioria dos alunos de primeira série, por mais inteligentes e sadios que sejam, não podem ler, pronunciar ou compreender a palavra "Rumpelstiltskin" na primeira tentativa da mesma maneira que não podem parar de cochichar com seus amigos durante a aula quando ficam empolgados. Instrução eficaz de leitura significa ajudar os alunos a aplicarem o conhecimento atual para pronunciar corretamente as palavras. Da mesma maneira, ajudá-los a aprender domínio próprio requer que os professores providenciem oportunidades para auto-correção em atividades acadêmicas e sociais.

Os educadores devem fortalecer a resistência dos seus alunos planejando atividades de aprendizagem e procedimentos de controle da sala de aula a fim de ajudarem os alunos a exercitar auto-correção e auto-disciplina.

No cenário que segue, o Professor B nutre sua classe nos componentes de resistência descritos neste artigo.⁹

Alunos com Domínio Próprio — A Sala de Aula do Professor B

Na sala vizinha do Professor A está o Professor B, que partilha a instrução dos

mesmos alunos. No primeiro dia de aula, o Professor B explica que na sua sala de aula não existe distinção entre o comportamento dos alunos quando estão aprendendo (por exemplo, a escrever, ler, adicionar, criar, etc.) e quando estão socializando (por exemplo, fazer acordos, colaborar, partilhar, argumentar, discordar, etc.). Explica-lhes que eles são capazes de corrigir seu próprio comportamento de aprendizagem bem como o social quando necessário. Isto é resultado das maneiras singulares e individuais que cada aluno utiliza para resolver problemas acadêmicos e sociais. "Por exemplo," diz o professor, "todos vocês sabem como conferir seu trabalho de matemática, portanto sei que vocês podem usar semelhantes estratégias para 'conferir' seu comportamento na classe." Seu trabalho, explica o professor, é insistir em manter os mais elevados padrões para o trabalho escolar e o comportamento, e orientar os alunos a usarem esses métodos a fim de se tornarem grandes empreendedores.

O professor explica suas expectativas para o comportamento em classe e para tarefas de casa e expõe modelos de trabalho de alunos. Finalmente o professor descreve suas expectativas para o comportamento social das crianças.

Para demonstrar, o professor e sua classe escrevem os acordos, e os expõem junto do trabalho de classe no quadro de anúncios. Os acordos incluem: (1) ser pontual para a aula, (2) não rebaixar seus colegas nem o professor e (3) não interromper outra pessoa. Os alunos escrevem em suas próprias palavras a maneira como querem ser tratados por seus colegas.

Ao passarem as semanas, o Professor B pede que seus alunos solucionem problemas complexos trabalhando em colaboração, mantendo registros das suas soluções e idéias no caderno e apresentando projetos e informações numa variedade de maneiras. Quando as crianças lutam com o tópico, o Professor B pede que mostrem a ele como chegaram às respostas e então faça hipóteses para solucionar os problemas. O professor apóia seus alunos em sua busca de métodos e soluções. Quando o comportamento dos alunos começa a deteriorar, o Professor B ou algum aluno pára a classe com o sinal previamente concordado, e eles examinam o comportamento usando os mesmos métodos (perguntas e respostas, cadernos, projetos) que foram empregados para compreender o tópico

*Ajudá-los a aprender domínio
próprio requer que os professores
providenciem oportunidades para
auto-correção em atividades
acadêmicas e sociais.*

acadêmico. No início, as discussões levam muito tempo, mas após dois meses o número de interrupções diminui significativamente. Juntos, o professor e seus alunos tornaram a classe idônea e empreendedora.

Não se deve subestimar a importância de educadores adultos nutrirem a resistência. Poucas crianças recebem este tipo de supervisão em suas comunidades. No entanto, para que a sociedade comporte-se com justiça e paz, é preciso que ela passe adiante a sabedoria acumulada sobre as maneiras de como nós, como um grupo, nos restabelecemos de dificuldades e estrésses.

Enquanto as nossas comunidades se tornam cada vez mais fragmentadas, todo educador adulto — professor, administrador, conselheiro, pai, motorista de ônibus, assistente, supervisor de campus, fiscal de liberdade condicional, defensor de causas da juventude, etc. — deve conscientemente promover e praticar métodos para melhorar a resistência dos alunos. Isto fortalecerá a proteção das crianças contra riscos e doenças, aumentando seu empreendimento escolar e dando-lhes um senso mais elevado de auto-estima. A monitoria da resistência para empreendimento e idoneidade é o que Ellen White queria dizer quando escreveu que os adultos ensinam mais eficazmente o governo de si mesmas quando preservam o respeito próprio das crianças. Assim podem empregar a boa-vontade das crianças na sua própria correção¹⁰ e assegurar uma sociedade mais ordeira, bem como o preparo para a vida porvir. ¶

Paul Heller é um consultor educacional que realiza seminários de treinamento para resistência. Ele escreve de Emeryville, Califórnia, E.U.A. e pode ser contatado por e-mail no seguinte endereço: safeschool@aol.com.

REFERÊNCIAS

1. Ellen G. White, *Educação* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977), pág. 292.
2. Idem, pág. 287.
3. Paul G. Heller, *Rehearsing Resiliency* (manuscrito em preparo) (Benecia, Calif.: Emlyn Press).
4. Ronald Garrison, "Security Officers Don't Bowl Alone: Mutual Assistance and the School-Based Juvenile Probation Officer", *The Quarterly of the National Association of School Safety and Law Enforcement Officers* V (março 1966), pág. 15.
5. Camille Sweeney, "Portrait of the American Child, 1995", *The New York Times Magazine* (8 de outubro de 1995), pág. 53.
6. Bonnie Bernard, *Fostering Resiliency in Kids: Protective Factors in the Family, School, and Community* (Portland, Ore.: Northwest Regional Educational Laboratory, agosto 1991).
7. Emmy Werner e Ruth Smith, *Vulnerable but Invincible: A Longitudinal Study of Resilient Children and Youth* (New York: Adams, Bannister, and Cox, 1989).
8. Heller.
9. Idem.
10. White, pág. 292.